

DIRECTOR: Paulo Cancellia

REDACTOR: Augusto Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NO
CENTRO COLONIAL
75, Rua Augusta, 1.º D.

Composição e impressão no
CENTRO TYPOGRAPHICO COLONIAL
Largo da Abegoaria, 27 e 28

PROPRIETARIO—O Centro Colonial

BOLETIM

DO

Centro Colonial

DE

LISBOA

(Associação de Classe)

LISBOA — 15 DE SETEMBRO DE 1909

ASSIGNATURA	ANNUNCIOS
Anno 2\$400 réis	Meia pagina..... 1\$500 réis
Grátis para os socios do	Uma " 2\$500 "
CENTRO COLONIAL	Por anno:
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Centro Colonial, 75, R. Augusta, 1.º D.	Meia pagina..... 12\$000 réis
	Uma " 18\$000 "

REVISTA DE HISTORIA
DE LAS COLONIAS
DE ESPAÑA

BOLETIN

Centro Colonial

LISBOA

15 DE SETEMBRO DE 1909

Publicado por el Centro Colonial de Lisboa
Calle de...



Assumptos Coloniaes

A crise do cacau

Sob esta epigraphe tem *A Bahia*, o mais importante periodico dos Estados da Bahia, tem publicado uma serie de artigos. He um interesse palpitante e actual para todos os roceiros de S. Thomé.

Revelam estes artigos um profundo conhecimento e um aturado estudo da agricultura e commercio do cacau.

Iremos, com a devida venia, transcrevendo os artigos que já temos em nosso poder, sentindo não os poder publicar todos juntos.

Creemos que com esta publicação prestamos um relevante serviço aos proprietarios da provincia de S. Thomé e Principe porque ficam a par da agricultura e commercio mundial do cacau e da causa da crise geral por que está passando este genero de agricultura.

I

RAZÕES DE SUA BAIXA — INFORMES SOBRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO — AS ESPECULAÇÕES. — O exmo. sr. dr. Miguel Calmon, ex-ministro da Industria, dirigio ao dr. governador, em 30 de abril ultimo, o officio abaixo, acompanhado de varios artigos publicados no *Diario del Ecuador* concernentes á producção do cacau no Brasil e á crise que esse producto atravessa, os quaes foram enviados ao Ministerio da Industria pela Legação Brasileira em Quito, acompanhados de importante officio. Todos os jornaes, e folhetos sobre o assumpto do citado officio, foram pelo dr. governador, remetidos á Directoria de Agricultura, que os passou ao director do «Boletim» para a traducção e publicação, visto interessarem elles bastante aos nossos productores de cacau e ao commercio em geral.

Officio do sr. ministro da Industria.

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1909. — Dr. governador do Estado da Bahia. Tenho a honra de vos remetter os inclusos impressos e artigos publicados no jornal *Diario del Ecuador*, concernentes á producção do cacau no Brasil e a crise que atravessa esse producto, enviados a este Ministerio pela nossa legação em Quito, com o officio junto por copia. Saude e fraternidade. (Assignado). *M. Calmon*.

Legação do Brasil — Quito, 16 de fevereiro de 1909. — Exmo. sr. dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, ministro de Estado da Industria, Viação e Obras Publicas. — Senhor ministro — Conhecendo o interesse que liga v. ex. á tudo quanto se refere a nossa producção agricola e especialmente á do cacau, remetto, incluso, um artigo sobre a producção do cacau no Brasil, publicado no jornal *El Diario del Ecuador*, desta capital. Em separado, remetto a v. ex. os artigos, até hoje publicados no mesmo jornal sobre a crise do cacau e a cuja serie pertence o que se refere ao Brasil. Esse estudo, que a meu conceito é o mais completo que até agora se tem feito sobre a producção e consumo mundial do cacau e a crise que o affecta actualmente, é devido aos profundos conhecimentos que do assumpto tem seu autor, o sr. d. Vicente Gonzales Bazo, que desde muitos annos se tem dedicado com verdadeiro empenho ao estudo de tudo que se refere á producção e consumo do cacau. O sr. Gonzales Bazo reunirá em folheto os artigos que está publicando no *Diario del Ecuador* e que, segundo me disse, serão uns 40. Deseja, porem, naquella publicação rectificar os dados agora publicados afim de ser seu estudo o mais estrictamente exacto e para isso trata de obter de cada paiz as informações mais completas possiveis. Pediu-me que solicitasse de v. ex., a quem conhece pelo muito que já tem feito pela prosperidade e grandeza do Brazil e pelo patriotismo com que se interessa por nossa agricultura, o obsequio de lhe fazer proporcionar as informações de que necessita sobre a producção do cacau, area de terreno cultivado, numero de plantas, direitos de exportação, enfim tudo quanto diga respeito áquelle producto, nos ultimos 25 annos, inclusive 1908, em todos os Estados do Brasil. Annexa a esta remetto a v. ex. uma proposta que em 1899, apresentou o sr. Gonzales Bazo e na qual verá v. ex. que já então elle se preocupava da crise que ameaçava e hoje affecta o cacau e procurava os meios de evital-a com a organização de um syndicato que podesse manter um preço fixo daquelle producto. Envio tambem a v. ex. a mensagem com que o governo remetteu ao Congresso aquella proposta que não alcançou o exito que era de esperar pela opposição de alguns agricultores que julgaram desejar o governo com ella fazer um monopolio. Além desses documentos envio a v. ex. copia de uma

informação ds mesmo sr. Gonzales Bazo a um grupo de capitalistas americanos que pretendia em 1899 formar um «trust» de cacau, e um exemplar do «Informe sobre el cacáo del Ecuador» do mesmo sr. em 1900. Como provavelmente em abril deixarei esta capital com destino ao Rio de Janeiro e certo de que v. ex. attenderá a meu pedido, rogo fazer com que as informações que solicito sejam dirigidas directamente ao sr. d. Vicente Gonzales Bazo, Casilla n. 251, Quito, Equador, para que elle as receba com mais seguridade. Logo que chegue ao Rio de Janeiro, me porei á completa disposição de v. ex. para o que v. ex. julgar merecer sua attenção neste assumpto.

Com meus antecipados agradecimentos, tenho a honra de reiterar a v. ex. os protestos de minha respeitosa consideração. — *A. de Alemcar*, encarregado de negocios do Brazil. — Confere. *A. Bittencourt*. — Visto. *Y. C. Valdetaro*.

Legação do Brasil—Quito, 3 de março de 1909. — Exm. sr. dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, ministro de Estado da Industria, Viação e Obras Publicas.—Senhor ministro — De novo venho a occupar a attenção de v. ex. com o assumpto de minha carta de 16 do mez proximo findo. — Tenho adiado minha partida e sendo provavel que aqui me demore até o fim do anno, não quero, levado pelo interesse que me merece tudo quanto se refere a nosso paiz, deixar para mais tarde as informações especiaes sobre o Brazil, devidas á amabilidade do sr. Vicente Gonzales Bazo, e que, em sua opinião e na minha, podem ser de grande alcance para nossos productos de cacau.—Na carta que remetto, em original acompanhada de diversos documentos, encontrará v. ex. os meios pelos quaes o sr. Gonzales Bazo, sem que seja necessario *protecção alguma official* a não ser a *moral*, indispensavel a toda a empresa, que se estabelece em um paiz, julga possivel conjurar a crise por que atravessa o cacau actualmente e principalmente os de garantir a nossos productores certa estabilidade nos preços de venda e de lhes fornecer recursos para poderem explorar suas propriedades sem que fiquem, como geralmente succede, presos nas mãos dos exportadores. — Si, como estou certo, merecer esse trabalho a attenção de v. ex., filho do estado do Brasil, maior productor de cacau, fico completamente á disposição de v. ex. para o que julgar conveniente. — Comprometto-me tambem a obter que o sr. Gonzales Bazo, que, como v. ex. já terá verificado, conhece, como talvez nenhum outro este assumpto, se preste a ir ao Brasil pôr em pratica suas ideias na Bahia, sempre que possa contar com o apoio moral de v. ex.—Naturalmente, não dispondo elle de fortuna, não poderia deixar seus interesses e sua familia, sem ter assegurado o necessario para sua viagem e os gastos indispensaveis que demande sua estada no Brasil.

— V. ex. dispõe no orçamento de seu ministerio de verba especial para a propaganda de nossos productos e poderá, si julgar que merece o cacau a protecção official, aproveitar os conhecimentos especiaes do sr. Gonzales Bazo, de cuja amizade e interesse por nosso paiz, posso assegurar a v. ex. encarregando-o de um estudo especial sobre nossa producção de cacau e facilitando-lhe a execução do projecto que elle me expõe em sua carta. — Renovo o pedido feito em minha carta anterior das informações sobre a producção de cacau em nosso paiz, podendo ellas serem enviadas ou ao sr. Gonzales Bazo ou a esta Legação. — Continuando á completa disposiçãõ de v. ex., tenho a honra de reiterar a v. ex. os protestos de minha respeitosa consideração. — *A. de Alemcar*, encarregado dos Negocios do Brasil. — Confere. — *Aurelio Fernandes*. — Visto. — *Jt C. Valdetaro*.

A persistencia da baixa do preço do cacau durante todo o anno de 1907 alarmou, com razão, aos nossos productores.

No meiado de 1907 obteve-se o preço mais alto que se póde registrar na historia. Em Quayaquil chegou a pagar-se 43 dollars por quintal e em Londres, o superior de Arriba, foi cotado até 126 schils ou 63 dollares.

Esses preços, que podiam ser qualificados de exorbitantes, têm cahido até 14 e 15 dollars, quasi a terça parte. Se por accaso mantiver-se assim esse estado estaremos á frente, não só da ruina da parte mais rica do Equador, como tambem do mesmo paiz.

Effectivamente, o movimento economico do paiz está tão entrelaçado entre si, que depreciado por um lapso de tempo indefinido seu principal producto de exportação, tem todo elle de soffrer as consequencias da menor *potencia* productiva do paiz.

Sabe-se que o cacau representa as 8 decimas partes de nossa exportação total, que essa producção alimenta o consumo de grande quantidade de proprietarios e seus braços e diminuindo o valor produzido diminue tambem a possibilidade do consumo. Diminuindo esta, tem de decrescer em proporção o ingresso fiscal em virtude de impostos de Alfandega na importação de mercadorias para o consumo, e diminuidas as entradas do governo sua situação é mais precaria e póde distribuir muito menos dinheiro no paiz. Isto é tão palpavel, especialmente no interior da republica, que aqui em Quito, vê-se a enorme differença entre as epocas em que a Thesouraria da Fazenda *paga* e as em que *não paga*.

Temos feito referencias a essa circumstancia para notar que a baixa do cacau é problema que não só interessa á parte do paiz que o produz como *todo o paiz*, cuja sorte está *intimamente ligada* com elle. A que obedece a queda do cacau? A resposta a essa pergunta é tão importante quanto é

certo que della depende a adopção de medidas conducentes a obstar o mal. Só tres causas podem influir na crise actual: excessivo augmento de producção, diminuição de consumo ou a especulação.

Se fosse o excesso de producção ou diminuição do consumo que tivessem dado logar á baixa, teria produzido o contrario na alta de 1907. E tanto não o é que as estatisticas dos ultimos quatro annos dão as seguintes cifras:

Anno	Producção	Consumo	
1904	151.152	138.722	tonelladas
1905	144.812	143.364	»
1906	148.616	155.783	»
1907	148.136	156.108	»

Em 1908, cujas cifras não são conhecidas senão em parte, temos que até 31 de outubro, na Inglaterra, o consumo *augmentou* de 355.000 quintaes, em 1907 a 400.894, e nos demais paizes deveria ter seguido o mesmo movimento. As colheitas de alguns paizes foram abundantes, marcando um augmento sobre 1907 que não se pode bem precisar; porém não é um augmento de tal natureza que tenha influido para descer os preços a menos da metade.

As revistas europeas (7 de dezembro) que temos ás vistas, dão as seguintes cifras.

			Augmento
Guayaquil (30 Nbre.)	576.500 qq.		
Contra 1907	398.500	178.000
1906	454.350		
Bahia (Brasil 30 Sbre)	298.958 saccos		
Contra 1907	225.754	73.204
1906	240.234		
Trinidad (14 Nbre.)	328.162 qq.		
Contra 1907	298.911	29.251
1906	223.500		
Grenada (Cosecha)	64.379 saccos		
Contra 1907	60.087	4.292
San Thomé (26 Nbre)	390.061 saccos		
Contra 1907	326.377	63.684
1906	342.699		
Costa de Oro (30 Sbre)	130.296 qq.		
Contra 1907	86.897	43.399
1906	75.446		

As cifras dos outros paizes grandes productores (Venezuela e S. Domingos) não estão publicadas, e não serão tão notáveis, quando nada de particular consta sobre ellas.

Temos pois que dos sete paizes grandes productores, cinco deram em 1903 um augmento sobre 1907 de cerca de 500.000 quintaes.

Tal quantidade pode parecer excessiva, maxime quando sobre o total das colheitas (3.000.000 de quintaes) não dá mais de 16 %_o. E o consumo quanto terá augmentado?

A Inglaterra que não é o maior consumidor augmentou em 10 mezes, talvez mais de 45.000 quintaes, digamos 54.000 em um anno e seu consumo é de 400.000 quintaes por anno, dando pois, um resultado, talvez mais de 12 %_o. Se os demais paizes não tiveram maior augmento, entre todos deve ter havido um consumo de 400.000 quintaes mais do que em 1906. Sendo assim as cifras *provaveis* de 1908 serão :

Produção.....	173.000 toneladas
Consumo.....	174.000 »

vindo nivelar-se a differença de 1907, que consumiu 8.000 toneladas mais do que a producção.

As cifras anteriores foram extrahidas da revista de C. M. & C. «Wood House» de Londres, e do Boletim Internacional das Republicas Americanas», de setembro de 1908, merecendo portanto, bastante fé.

Além d'isso, o facto da colheita de 1908 ter sido abundante não quer dizer que o augmento da producção ha de manter-se em proporção de um modo permanente.

A producção de 1904 alcançou 151.152 toneladas e em 1905 baixou a 144.812; entretanto, o consumo conserva sua marcha ascendente, *uniforme e permanente*.

O Equador exportou, em 1904, 28.564 toneladas e em 1903 apenas 19.703. Trindade produziu 21.255 toneladas em 1905 e no anno seguinte apenas 12.453. E assim tem acontecido e acontecerá a este e outros paizes.

As colheitas são variaveis e não se póde contar, ao certo, com uma producção progressiva e constante.

Não se pode, pois, de modo algum, attribuir a excesso de producção, nem á diminuição do consumo abaixo dos preços, pois não se tem dado nem uma nem outra cousa.

Si fosse isso a causa, deveria logicamente haver em 1907 algumas das causas contrarias.

Nesse anno a producção foi mais ou menos igual á do anno anterior, (143.616 e 148.136 toneladas respectivamente) e o consumo tambem muito igual, (155.783 e 156.108 toneladas respectivamente).

Não se pode pois attribuir a nenhuma das causas desta, pois a *especulação* a que attribuimos a subida de preços em 1907 e tambem a baixa depois.

Os especuladores subiram os preços a um extremo nunca visto, não fundados nas leis regulars da procura e offerta, mas no *poder* de que dispunham para faze-lo e ganhar com abundancia, sustentaram essa alta todo o tempo que lhes foi possivel e os prejudicados, que eram os fabricantes não podiam deixar-se explorar impassivelmente.

No outomno de 1907 os fabricantes suissos e allemães (vejam-se os informes consulares dos Estados Unidos, maio 1908 n. 320) formaram uma liga para obstar a alta desmedida e evitar maior subida de preços.

O acaso os ajudou, pois em outubro a «Crise Americana» que causou o panico financeiro nos Estados Unidos derribando algumas instituições de credito desarranjou os mercados em geral. Postas as grandes potencias do mundo á contribuição para a salvação da situação da grande republica e evitar um krack, talvez, universal, foram todos os mercados de dinheiro forçados a enviar grandes remessas á America.

Começaram elles a reduzir o dinheiro á maior quantidade de *especies* possiveis que os banqueiros e consignatarios lançaram nos mercados e dahi a offerta extraordinaria de productos, que fez baixar o cacau, café, caucho, couros e outras materias primas. Sem malicia, pois, a liga de fabricantes viu-se favorecida por este acontecimento e nescios seriam se não tivessem sabido aproveitar da occasião. Começou pois o cacau a soffrer as consequencias da pressão dos mercados e a liga a aproveitar-se.

As cómpras *regulares* falharam, pois os compradores, como em todas as epocas de baixas, não cuidavam senão criar necessidades de dia para dia e ninguem tinha *provisão*. Quebrou-se o equilibrio da offerta e procura apparecendo *sobras* que na realidade não o eram.

As estatisticas contam as existencias *visiveis*, isto é, as quantidades de productos, nas Alfandegas, tavernas ou armazens geraes, porem não os que têm os fabricantes. Claro é que as existencias em epocas normaes, estando nos armazens dos fabricantes, não eram vistas, em épocas de especulações; que elles não fazem provisão, estão visiveis em mãos.

Cahido o preço, era mais difficil sustental-o não havendo dinheiro em abundancia.

A especulação explora sempre o que é mais facil.

Em 1907 era mais facil explorar o fabricante, pois o mesmo movimento de falta deu impulso á procura. Todos compram antes que a mercadoria suba mais; e esse impulso provocou mais procura produzindo o effeito natural da alta.

Lá, a quéda do preço produz o contrario, e cahindo este torna-se mais facil explorar o producto que tinha necessidade de venda e mercadoria.

A especulação tornou-se cara e continuou forçando a baixa. E' este quasi o resultado natural de todas as especulações. A uma alta excessiva segue-se logo a baixa tambem excessiva e vice-versa.

O consumo do cacau não chegou ao seu limite, de consignatarios, e é d'ahi que em 1908 apparecera em Londres (5 de dezembro) 39.000 saccas mais de existencia do que em 1907, quando o consumo tiuha sido de 45.000 quintaes mais.

Em epoca normal, esses 39.000 saccos e talvez mais, teriam passados em mãos de distinctos fabricantes e assim explica-se estar no momento *visiveis*.

Como é, pois, que os especuladores, que são gentes poderosas, não puderam vencer os fabricantes na lucta? Explica-se facilmente.

Para accumular existencias em *suas mãos*, em 1907, e subir os preços tiveram que empregar grandes quantidades de dinheiro e em muitos casos houve necessidade de tomal-o emprestado.

A crise americana os poz em apuros, pelo que tiveram de pagar, vendendo os productos. Ainda falta muito para isso. Todo o Oriente pode ser consumidor em epoca não remota. A producção limitada a uma zona no globo terrestre, não pode augmentar de modo indifinido.

As colheitas más podem repetir-se e se repetirão, sem duvida alguma; de sorte que entre os dois factores da lucta economica, um, o consumo, segue certo e permanentemente; o outro, a producção, segue de modo irregular e sem meio algum de normalizar-se. O que é provavel é que o consumo augmenta, como até agora, mais do que a producção.

Não depende a crise de factos naturaes, contra os que o homem nada pode, não é difficil obsta-la.

Quaes são, pois, os meios?

Estude-mos um pouco o mundo do cacau para buscar a solução.

II

Até poucos annos, (1904). o Equador era o maior productor de cacáo. As colheitas pobres de 1905 a 1907 marcaram-lhe o terceiro lugar nos dois ultimos annos indicados. E' possivel que com sua abundante colheita de 1908, que provavelmente atingirá a 30.000 toneladas, venha occupar de novo o seu posto.

Se bem que esta circumstancia o colloque em lugar que occupou por mais de meio seculo, a proporção que teve (um terço quasi da producção mundial) não manterá no mesmo lugar, visto os demais paizes, grandes productores, terem di-

latado o cultivo comparando-o com o Brazil, S. Thomé, Trindade, S. Domingos e a Colonia Ingleza da Costa do Ouro.

Anteriormente o Equador poderia ter dominado os preços, mas actualmente só poderá conseguir isso por meio de uma *entente* com os paizes rivaes. E' difficil obter-se em Quito informes precisos e exactos sobre a producção mundial. Apenas recebemos de vez em quando, revistas commerciaes e uma ou outra publicação, das quaes extrahimos os informes para o estudo do assumpto. O «Boletim das Republicas Americanas» no seu numero de setembro de 1908, publicou o seguinte quadro:

Producção mundial de 1907

Brazil.....	24.528 tons.
S. Thomé.....	24.193 »
Equador.....	19.670 »
Trindade.....	18.611 »
Venezuela.....	13.471 »
Costa de Ouro.....	10.475 »
S. Domingos.....	10.151 »
Ceylão.....	4.698 »
Granada.....	4.612 »
Fernaudo Pó.....	2.438 »
Jamaica.....	2.219 »
Colonias allemãs.....	1.966 »
Haiti.....	1.830 »
Colonias hollandezas (Java).....	1.800 »
Cuba.....	1.690 »
Sarinam.....	1.625 »
Colonias francezas.....	1.387 »
Santa Lucia.....	750 »
Dominica.....	580 »
Congo.....	548 »
Outros paizes.....	1.000 »
Total.....	148.242 »

Não obstante merecerem bastante fé os informes anteriores, todavia não o temos como de todo exactos; porém, em falta de melhores, tomemos os por base.

Os grandes paizes productores do cacau são sete, a saber: Brazil, S. Thomé Equador, Trindade, Venezuela, Costa do Ouro (Africa) e S. Domingos, cuja producção excede a 10.000 toneladas em cada anno e que, unidos, têm fornecido ao consumo 121.099 toneladas. sob um total de 148.242 ou 81,69 %.

Dos demais paizes productores, dois. Ceylão e Granada, dão

mais de 4.000 toneladas: seis, mais de 1.000 e os tres restantes menos d'esta quantidade.

A enumeração anterior não serve, em parte, para o estudo dos paizes productores e da quantidade que elles produzem. Dizemos, *em parte*, porque as colonias agrupadas e outros paizes não nos trazem luz alguma sobre o assumpto.

Felizmente temos outras fontes de informações de onde extrahimos o complemento. As colonias allemãs são: Kamerun e Tógo, na Africa, e a ilha Samôa, na Oceania.

O grosso das 1966 toneladas produzido em Kamerum e pela producção de 1906 que foi:

Kamerum.....	1247 tons.
Samôa.....	92 »
Togo	58 »
Total	1397 »

Chegamos a conhecer e apreciar a producção e o augmento.

As colonias hollandezas se reduzem a ilha de Java, na Asia. A outra possessão productora de cacau que é a Goyana Hollandeza está tomada em separado.

As colonias francezas são:

Guadelupe, Martinica e a Goyana Franceza na America, o Congo Francez, Madagascar e Réunion, na Africa. Da producção de 1906 apreciamos o progresso e o augmento no mesmo anno que foi assim:

Guadelupe.....	675 tons.
Martinica.....	473 »
Goyana.....	16 »
Congo Francez.....	89 »
Madagascar.....	8 »
Réunino.....	0,29 »
Total.....	1261,29 »

Os outros paizes são: na America o Perú, que em 1907, exportou o valor de £ 125.757, que considerando a £ 3. (s/30) o quintal são mais de 40.000 quintaes. — Elle só representa pois 2.000 toneladas em vez de 1.000 em que estima o calculo do «Boletim». Colombia cuja producção não é conhecida com exactidão, e que em annos anteriores não passava de 500 a 600 toneladas; a Goyana Ingleza que não passa de 100 toneladas; Porto Rico, cujo producto está englobado com o de Cuba; a ilha de S. Vicente que exporta cerca de 150 toneladas.

Vemos nas listas de C. M. & C. «Voodhouse», de Londres, como importação para a Inglaterra, exportações de Costa Rica, de 560 quintaes; Honduras britannicas, 380 quintaes; Nicaragua, 98 quintaes.

Da Africa, alem dos paizes mencionados, a Inglaterra importou de Lagos 2252 quintaes, Niger 542, Serra Leôa 42 libras, Liberia 21 quintaes, Scychelles, 103 quintaes.

Da Asia, alem dos mencionados termos, Straits Settlements 183 quintaes e na Oceania, Nova Galles do Sul, 598 quintaes.

Todas essas quantidades exprimem, talvez, ensaios ou experiencias, ou quem sabe se principio de producção?

Tomando como base a nomenclatura do «Boletim» e suas cifras, e deixando para apreciar depois, as deficiencias, que apesar de tudo não são quantias tão importantes, temos que o cacau é levado ao consumo pelos seguintes paizes.

America

Brazil.....	24.528 tons.
Equador.....	19.670 »
Trindade.....	18.611 »
Venezuela.....	13.471 »
San Domingos.....	10.151 »
Grenada.....	4.612 »
Jamaica.....	2.219 »
Haiti.....	1.830 »
Cuba.....	1.690 »
Surinam.....	1.625 »
Guadelupe.....	742 »
Martinica.....	520 »
Guyana Franceza.....	18 »
Santa Lucia.....	750 »
Dominica.....	580 »
Varios.....	1.000 »
Total.....	102.017 »

Africa

São Thomé.....	24.193 tons.
Costa de Ouro.....	10.475 »
Kamerum.....	1.700 »
Togo.....	86 »
Colonias francesas.....	107 »
Fernando Pó.....	2.438 »
Congo.....	548 »
Total.....	39.547 »

Asia

Ceylão.....	4,698 tons
Java.....	1,800 »
Total	6,498 »

Oceania

Samôa	180 tons.
	180 »

Resumo

America	102.017 toneladas	68,82 %
Africa	39.547 »	26,68 %
Asia	6.498 »	4,38 %
Oceania	180 »	0,12 %
Total	148.242 »	100 %

Até onde poderá chegar a produção ?

Para saber-se é necessario conhecer não só a produção *actual* e a historia de seu passado como tambem seu *futuro possivel*. Muito mal podemos chegar a conhecer os dois primeiros pontos e quanto ao ultimo nos guiaremos por conjecturas, mais ou menos acertadas.

Para sabermos de maneira aproximadamente segura, seria preciso fazer uma *investigação pratica* do que *pode succeder*, em cada paiz productor, tomando informações no mesmo logar da quantidade de terrenos adaptaveis ao cultivo e se ha algum disponivel; das facilidades que ha e das que podem haver para tal cultivo: condições da produção; custo da semente e cultivo; assim como informações outras que possam servir para deduzir as *possibilidades*.

Nenhum particular poderá fazer isso, nem grupo algum d'elle, uma vez que não ha entre nós espirito de união. Como assumpto de interesse nacional corresponderia ao Estado, já que o problema do cacau é no equador assumpto de *vida e morte*. Mesmo a estatistica para o *presente* e o *passado* não é completa nem rigorosamente exacta. As primeiras compilações foram feitas com informes aproximados em 1899 na camara do Commercio, de Guayaquil, e sobre o padrão ali formulado que os outros paizes têm seguido. Pareceria extranho que em Guayaquil se houvesse feito a primeira compilação, uma vez que em materia de estatistica não nos levara a palma, porém basta para explicar o facto, que para nenhum paiz do universo deverá ter o cacau a importancia que tem para o Equador.

Effectivamente a esse tempo os grandes paizes productores eram 5: Equador, Brazil, S. Thomé, Trindade e Venezuela; depois passaram a esta mesma cathegoria dois mais: São Domingos e Costa do Ouro; e d'esses cinco paizes, n'esse anno, a exportação do cacau nas exportações geraes era: (em asucar).

Paizes	Exportação total	Cacau	%
Equador Sl.	21.000.000	16.800.000	80 %
Brazil	360.000.000	10.800.000	3 %
S. Thomé..	6.000.000	3.000.000	50 %
Trindade ..	24.500.000	10.535.000	43 %
Venezuela..	27.000.000	6.750.000	30 %

Assim se explica que não deram ao cacau uma importancia *extraordinaria*.

Para o Equador ella já existia como ainda ha hoje mesmo. Foi elle o primeiro paiz em preoccupar se com taes estudos.

Desgraçadamente, o estudo começou a ser feito e alli ficou.

Das compilações feitas em Guayaquil têm derivado as que se têm seguido e todas se resentem da deficiencia havida ao começo pela falta de dados. porém, ainda é tempo de se fazer um estudo completo e scientifico, já que a crise actual é uma severa lição em todo o sentido. Traremos para elle os apontamentos que possuímos, com os claros que n'este apartado rincão do mundo não podemos obter por falta de dados.

Vendo um pouco o *passado* de cada paiz podemos apreciar o seu *futuro* proporcional e nada mais.

Antes de entrar na enumeração de todas as entidades de producção queremos fazer esta tranquillizadora conjectura.

A producção e consumo mundial, desde que temos podido obter informações, são assim reputados:

Anno	Producção	Consumo
1894.	69.096.	64.507
1895.	66.212.	72.532
1896.	72.180	75.868
1897.	80.168.	83.565
1898.	85.174.	80.246
1899.	99.886.	99.376
1900.	102.076.	100.993
1901.	105.820.	109.081
1902.	123.939.	122.185
1903.	126.795.	127.452
1904.	151.152.	138.722

1905.....	144.812.....	143.364
1906.....	148.616.....	155.783
1907.....	148.136.....	156.108

Emquanto o consumo tem seguido sua marcha *regular ascendente*, a produccão tem augmentado com intermitencia.

Tomando os extremos para falar do augmento annual temos:

Consumo.....	1894.....	64.507
»	1907.....	<u>156.108</u>

augmento em 14 annos..... 91.601
que é 142 % ou seja 14 % annual.

Produccão.....	1894.....	69.096
»	1907.....	<u>148.136</u>

Augmento em 14 annos..... 79.040
que é 114,38 % ou seja 8,17 % annual.

Seguindo o curso normal equal, sem obter para o consumo, as vantagens dos augmentos excepçionaes por novos paizes, etc., é provavel que dentro de dez annos a cifra chegue a 156.108 mais 10, 14 % por cada anno.

101,4 %.....	<u>158.293</u>
	314.401

Poderá o mundo, dentro de 10 annos, produzir mais de 300.000 toneladas (6 milhões de quintaes) de cacau?

O augmento normal, sem levar em conta as vicissitudes das colheitas, seria: 148.136 % ou mais 8.17 % em cada

$$81,70 \% - \frac{121.025}{269.61} (9.191)$$

E por acaso poder-se-ha semear incessantemente mais ou mais terrenos?

Acaso os terrenos adaptaveis não se exgotarão um dia?

As *possibilidades* de fazer o augmento iremos apreciar por *deducção*. As effectivas serão conhecidaa depois do estudo scientifico que eu fizer mediante inspeccão ocutar, se alguém intental-a.

III

Temos dito que os paizes grandes productores são sete a saber:

Equador, Brazil, Trindade, São Domingos e Venuzuella, em America, e S. Thomé e Costa de Ouro, em Africa.

Estes são, a nosso vêr, os unicos *temiveis*, isto é, aquelles que pela importancia de sua producção poderiam significar um *perigo* mais ou menos immediato de augmentar a sua producção de uma maneira alarmante.

Vamos estudar, cada um em separado com as minuciosidades possiveis.

E' natural que comecemos pelo Equador, porque como já temos dito, é muito possivel que o anno de 1908 o tenha collocado de novo no posto de *maior* productôr.

Temos dito tambem que teremos de deixar alguns claros nas notas. Seria quasi impossivel fazer um estudo completo aqui, aonde não ha quasi dados sufficientes.

Para a apreciação do futuro, vale muito ter em conta que dos sete paizes grandes productores, tres, — Trindade, São Domingos e São Thomé — são ilhas, cujos terrenos estão de si limitados e expostos ás contingencias dos ventos e accidentes peculiares; tres de terra firme, são paizes civilizados e que a Colonia da Costa de Ouro, na Africa é ainda semi-selvagem.

Entremos em materia.

Equador

Ha oito annos havia no Equador 4:327 fazendas de cacau, com 58.551:142 pés assim distribuidas:

Provincias	Fazendas	Pes
Los Rios	1:594	30.634:791
Guayas	646	14.530:300
El Oro	977	6.618:100
Manabi	1:440	6.532:170
Esmeraldas	270	235:781
	<u>4:827</u>	<u>58.551:142</u>

De então até agora semeam sem cessar, n'essas provincias e teem prosperado bastante as plantações na região de *Santo Domingo* dos *Calorados*, provincia *del Pichincha*, sem que até agora estas ultimas tenham importancia alguma digna de menção.

Calculamos que dados os elementos de que se tem dis posto, e as eventualidades contra as quaes se lucha n'estas

sementeiras, tem ficado vivas umas 500:000 plantas novas para cada anno. E' pois, provavel que a esta hora contemos com 5:000 propriedades e uns 66 milhões e meio de plantas.

A produção no *Equador* tem sido muito variada, não obstante estarem as plantações protegidas por terra firme, muito mais do que as sementeiras das ilhas.

Renovamos aqui os dados da producção desde quasi o começo da Republica, que é o que se segue.

Annos	Ton. de 1:000 kilos	Annos	Ton. de 1:000 kilos	Annos	Ton. de 1:000 kilos
1836	5.459	1860	8.380	1884	8.848
1837	4.260	1861	9.339	1885	12.506
1838	3.509	1862	8.013	1886	19.231
1839	6.079	1863	8.201	1887	10.713
1840	7.033	1864	5.725	1888	13.836
1841	5.705	1865	7.134	1889	18.246
1842	3.354	1866	11.253	1890	12.318
1843	7.732	1867	9.863	1891	10.595
1844	4.287	1868	10.618	1892	16.604
1845	4.864	1869	8.674	1893	20.106
1846	5.601	1870	12.107	1894	19.504
1847	6.036	1871	8.621	1895	18.956
1848	10.504	1872	9.361	1896	17.115
1849	7.162	1873	12.590	1897	17.564
1850	5.533	1874	12.510	1898	21.089
1851	4.783	1875	8.310	1899	27.703
1852	6.982	1876	11.237	1900	18.803
1853	6.621	1877	10.265	1901	22.896
1854	5.545	1878	5.165	1901	24.965
1855	7.544	1879	15.762	1903	23.005
1856	6.686	1880	18.120	1904	28.564
1857	7.358	1881	12.510	1905	21.127
1858	9.909	1882	8.315	1906	23.426
1859	6.810	1883	7.500	1907	19.703

Este quadro demonstra bem graficamente, a intermitencia da produção.

No anno de 1886 exportou-se 19:231, quasi o mesmo que em 1907. E sem embargo, durante esse tempo as plantações deveriam augmentar de 8 a 10 milhões de plantas.

No anno de 1904 a exportação elevou-se a 28:564 toneladas, que é o maior registo do mundo.

No anno que acaba de passar — 1908 — é muito possivel que se obtenha um novo «Record» chegando o *Equador* ás 30:000 toneladas, coisa nada difficil com os seus 66 milhões de plantas.

Porém pelo que nos diz o passado, não se póde e nem se deve esperar um augmento regular e progressivo.

A primeira vez que passou de 10:000 toneladas, foi no anno de 1848, e não se repetiu, senão em 1886. Nos 30 annos seguintes houve nove annos, que não attingiu ás 10:000. No

anno de 1888 attingiu a mais de 18 mil, o que não se repetiu, senão 6 annos depois.

Em 1893, passou a 20 milhões, baixando durante quatro annos successivos.

Acreditamos chegar á méta o anno de 1899, com mais de 27 mil toneladas, voltando a baixar durante quatro annos, até o anno de 1904, que bateu o «Record» com 28:500. Esperamos que para seguir a mesma intermitencia teriam ainda quatro annos pobres porém aconteceu que em 1908, a produção ultrapassa ás cifras mais altas anteriores.

Gayaquil só, havia dado 576:000 quintaes até 30 de novembro, e com a deportação de dezembro e dos demais portos, será passado dos 600:000 quintaes.

Como serão os annos futuros?

Não ha previsão que possa determinar.

Podem vir em successão varios annos *bons*: como tambem pôde haver um ou varios annos maus.

De 10:000 a 15:000 toneladas houve demora de 31 annos.

(1848-1879) — De 15:000 a 20:000 demorou 15 annos.

(1879-1893) — De 20:000 a 25:000, seis.

(1893-1899) — De 25:000 a 30:000, 9 annos, (1899 a 1908).

Qual a progressão d'estes periodos?

10	a	15:000	31
15	a	20:000	15
20	a	25:000	6
25	a	30:000	9

Parecia que diminuia a distancia de cada augmento de 5:000 toneladas.

Era logico que o lapso nos ultimos 5:000, não tivesse passado de 3 annos, sendo entretanto de nove.

Tomemos o mais favoravel, e consideremos sómente cinco annos. Então segue-se que em 1913 deverá chegar a produção a 35:000 toneladas e a 40 mil em 1918.

Temos calculado como media geral de *augmento* de produção em todos os paizes, 8,17 % ao anno, desde o anno de 1894, que no *Equador* corresponde — 19.504 — 1393 toneladas ao anno. Em 5 annos seriam 6.546 e em 10 annos 13.930. Unidas estão ás 30 mil de 1903 nos dariam 36.500 em 1913, e 43 mil em 1918.

Não somos exaggerados no calculo, apreciando o augmento possivel e provavel do mundo em 8.17 % annual.

Para attingir ás 40 mil toneladas de colheita, isto é, dez mil toneladas de augmento — 200 mil quintaes — é necessario augmentar as plantações, pelo menos em 20 milhões de plantas, que em dez annos seriam dois milhões *annuaes*, cousa que é praticamente *impossivel* entre nós.

Certo é, que muitas das plantas, pequenas, entram a produzir e chegam ao seu completo desenvolvimento nos dez annos; porém, também, é certo que todos os annos acontece o mesmo, e que o mesmo deu-se em 1894, de onde fizemos base para o calculo; e que todos os annos perdem-se muitas plantas por infinidade de causas.

Além d'isso haverá terreno necessario para vinte milhões de plantas?

Será possível preparal-o em dez annos?

Um hectare é occupado com 500 plantas, como é uso semear-se; de sorte que vinte milhões necessitam, pelo menos, de 40 mil hectares — *sómente* para semeal-as, — e dando 25 % mais para caminhos, cercados, ventilação, casas, etc., terão de empregar 50 mil hectares.

Que o paiz póde dispor d'ellas a menor duvida.

Em 1901 havia na *Provincia de los Rios*, 60 mil hectares mais ou menos, dos quaes muito poucos foram occupados. Ha, portanto, terreno; a difficuldade está em *semeal-o* e *cultival-o*.

Não queremos dizer com estas apreciações que o *Equador* não possa augmentar suas plantações a essa cifra; mas que estudando a *difficuldade* que aqui ha, comprehenda-se quão difficil é também nos outros paizes, grandes productores, augmentar indefinidamente a sua producção.

As plantas existentes, chegadas todas ao seu completo desenvolvimento produzirão indubitavelmente mais do que hoje, e elevarão o monte total da producção, talvez, de 35.000 a 40.000 toneladas que já temos citado. E depois, o que acontecerá? Se não se tiver semeado n'esses dez annos chegaremos a não ter mais augmento.

E, como o consumo não pára na sua marcha ascendente, chegaria o dia em que a producção não bastaria.

Temos que levar em conta outra cousa, e é que as plantações de cacau não chegam ao seu completo desenvolvimento, senão 10 annos depois de semeados, e que as colheitas prematuras não fazem senão prejudicar os annos de vida das plantas.

Nas epocas de bons preços a ambição faz descuidar um pouco das pódas e deixam fructificar as efflorescencias para recolherem fructos, escassos e deficientes. Essas plantas, descuidadas no seu cultivo, duram muito pouco tempo. Não terão a vida d'aquellas que as colheitas teem sido feitas em tempo proprio ou regular.

Outro ponto digno de menção é o de que no nosso character impressionavel, o progresso da cultura segue a inspiração do momento. Nos annos de bons preços cresce o enthusiasmo pelo augmento das sementeiras, e nos de crise, como o passado, em que entrou o *desalento*, esfriou o enthusiasmo semeando-se muito menos.

Recordem-se da epoca — 1894 a 1896 — em que o café subiu até \$30, o quintal. Quantos milhares de plantas foram semeadas no Equador?

Vimos derribarem mattas de cacau para serem substituidas pela plantação do café.

Tendo baixado de novo o preço do café e subido o do cacau, fizeram o contrario. Estamos certos de que em 1907 semearam muito mais do que em 1908, e do que se ha de semear este anno, e assim não chegaremos á media de mais de dois milhões de pés cada anno durante um decennio.

Além disso, facilitar o cultivo de 5 mil ou 6 mil hectares mais *cada anno* requer o augmento de braços e de dinheiro em quantidade que não vacillamos em taxar de *impossivel*.

Nem um nem outro andam de sóbra entre nós, nem é facil achal-o tão á mão como parecia facil e certo.

Isso mesmo não acontecerá nos demais paizes?

Podemos, pois, afirmar que o calculo do augmento de producção que temos estimado em 8,17 % annual por *tudo* o mundo productor, é muito approximado no caso especial do Equador, e que este facto significará no futuro proximo não mais de 35 mil toneladas até 1923 e 40 mil para 1918, em progressão irregular.

Temos a vantagem de estarmos *mais perto* do Oriente do que qualquer dos demais paizes productores; de sorte que em dia não distante, abertos ao consumo, estaremos em melhores condicções do que os demais, para enchel-o, seja com a materia prima, ou com a manufacturada, que é como se hade dar começo a esse consumo.

O Oriente é hoje um consumidor, muito embora não figure nas listas estatisticas. Elle consome o chocolate, o cacau (pastilhas, confeitos, bombons, etc.) como gulodices. Nas listas figuram como consumidores paizes que manufacturam o cacau e assim o exportam para outras partes do mesmo Oriente.

Quando este começar a consumil-o como alimento, a preço rasoavel, o consumo augmentará de modo importante e o Equador poderá, talvez, descarregar sua producção para alli.

Hoje como gulodice, paga-se como nós mesmos pagamos a S.3,00 a libra; entretanto nós poderemos offerecer a 30 centavos — (a decima parte) e teremos a exportação do cacau, assucar e valor do trabalho de manufactura.

O Equador, não estáportanto perdido. Elle tem uma perspectiva consoladora para o futuro.

Pensem maduramente e trabalhem no sentido de fomentar e desenvolver seu commercio internacional em outros paizes além d'aquelles á que hoje estão ligados pelo interesse.

Cacão — Consumo do mundo — 1907

Estados Unidos, 37.526.525 kilos ; Allemanha, 34.515.400 kilos ; França, 23.180.300 kilos ; Inglaterra, 20.159.472 kilos ; Hollanda, 12.219.249 kilos ; Suissa, 7.124.200 ; Espanha, 5.628.239 kilos ; Austria Hungria, 3.471.700 kilos ; Belgica, 3.253.967 kilos ; Russia, 2.473.380 kilos ; Italia, 1,455.500 kilos ; Canadá, 1,111.595 kilos ; Dinamarca, 1.100.000 kilos ; Suecia, 796.455 kilos ; Noruega, 524.7718 kilos ; Australia, 400.000 kilos ; Portugal, 150.000 kilos ; Filandia, 103.804 kilos ; outros paizes, 1.000.000 kilos.

Cacão — Producção do mundo - 1907

Brazil, 24.528.000 kilos : S. Thomé, 24.193.980 kilos ; Equador, 19.670.571 kilos ; Trindade, 18.611.436 kilos ; Venezuela, 13.471.090 kilos ; Africa Ingleza, 10.474.795 kilos ; Republica Dominicana, 10.151.374 kilos ; Ceylão, 4.699.559 kilos ; Granada, 4.612.100 kilos ; Fernando Pó, 2.439.821 kilos ; Jamaica, 2.248.821 kilos ; Colonias Allemães 1.966.236 kilos ; Haiti, 1.850.000 kilos ; Antilhas Hollandezas, 1.800.153 kilos ; Cuba, 1.669.668 kilos ; Suriman, 1.625.274 kilos ; Colonias Francezas, 1.387.219 kilos ; Santa Lucia, 750.000 Dominica, 580.000 kilos ; Estado do Congo, 548.526 kilos ; outros paizes, 1.000.000 kilos.

IV

As fabricas de chocolates

Antes de entrarmos no exame dos demais paizes, queremos fazer outras considerações sobre o Equador, para quem escrevemos.

Temos por dever, bem examinada a situação, levar ao animo dos productores, a tranquillidade do futuro, pois nada mais fatal do que o desalento.

Persuadidos de *não haver remedio* e de que em face da *ruina inevitavel* ninguem se animará a fazer qualquer cousa, contam com a falta de acção aproveitando d'esse modo á especulação.

Temos affirmado que a perspectiva do cacau no Equador não está perdida e agora ainda repetimos.

Quando tratarmos dos meios que podem ser postos em pratica para melhorar a situação actual e firmarmos a do futuro, entraremos em todos os detalhes do assumpto. Por ora tenho de analysar os elementos de augmento existentes aqui e no resto do mundo productor, queremos particularisar o estudo do que convem fazer o Equador e tornar patente as vantagens especiaes offerecidas.

haveria uma competencia *desastrosa* para os fabricantes europeos e americanos, que têm enriquecido e continuam a enriquecer á custa das *apurações de vendagem* dos que lhes ministram a materia prima.

O chocolate a 3 *sucres* a libra é artigo de luxo; porém a 30 *centavos* é artigo de consumo.

Costumamos pagar o luxo das caixas e envolucros de phantasia e contribuimos para a formação de quantiasas fortunas dos fabricantes.

Em um quintal de chocolate empregam-se apenas de 32 a 40 libras de cacáo, o restante consta de assucar, aromas, papel e cintas.

A pressão temivel dos fabricantes paderá causar um dia uma evolução entre nós e nós tranformarmos tambem em fabricantes.

Não temos ás mãos as estatisticas do Oriente para vêr a quantidade de chocolate de (s/3 libras) que é importada, mas é certo que ha ali algum consumo.

Os paizes que se titulam de *consumidores* não passam de *manufactureiros*.

Das 7.324 toneladas que a Suissa *importa*, quanto consumirá sua população?

Quanto exportará por sua vez em chocolate?

Os Estados-Unidos com 37.500 toneladas, a Allemanha com 34.500, a França com 23.000, a Inglaterra com 20.000, estão todos no mesmo caso.

Todos conhecem o cacáo «Van Holten» de Hollanda. Esse paiz figura como consumidor de 12.000 tonelada, se, entretanto não é senão re-exportados em forma de cacao em pó e pastilhas.

Como pagam caro os paizes productores a sua desidia!

Entretanto nos pagam o cacau á metade do seu valor, ao passo que pagamos o chocolate (feito com a nossa materia prima) pelo mesmo preço.

Vendemos a 18 *sucres* o quintal e compramos a 300 *sucres*!

Faltam-nos o espirito de união; e se continuarem as cousas assim, vencidos os productos pelos fabricantes, não faltará quem em seu proprio proveito venha estabelecer um dia aqui a manufactura do cacau.

Para lá iremos; então o Equador obterá um preço razoavel e talvez lhe venha resultar um fim proveitoso.

Não deve, pois, o paiz esmorecer Deve proseguir em seus trabalhos agricolas por emquanto sem exaggeros nem afflições. Depois, se fôr necessario, virá o trabalha industrial.

De qualquer forma o futuro é seguro.

(*Continua*)

Agricultura Colonial

Córtes nos Cacaoeiros

Appliação de oleo de resina como curativo

Ultimamente tem sido experimentado o oleo de resina como curativo antiseptico para os córtes e feridas dos cacaoeiros na Grenada, tendo merecido acolhimento favoravel dos plantadores, feitores e do Superintendente Agricola da ilha. Ao principio o *coaltar* era o principal curativo empregado nas feridas causadas pela póda ou resultado do accidente; diz-se porém que o oleo de resina é superior para o effeito. O Superintendente Agricola de Grenada (Mr. R. D. Anstead B. A.), relatando sobre o caso, diz que o oleo é de facil applicação e limpo, sendo para notar que a casca da arvore não encolhe tanto nos labios das feridas como quando se applica o curativo antiseptico.

Nas roças de cacau de Grenada é de uso ir um rapaz seguindo os podadores para curar todas as feridas feitas nas arvores. Tem-se verificado que a melhor fórmula de applicar estes curativos é por meio de pincel; quasi sempre costuma levar-se dois ou trez pinceis de dois ou trez tamanhos defferentes para melhor se alcançar todos os furos e intersticios. D' esta fórmula o curativo applica-se perfeita e rapidamente á ferida, havendo menos probabilidade de se besutar a casca que a rodeia.

Era este um dos pontos a considerar ao fazer uso do *coaltar* pois que frequentes vezes acontecia queimar e estragar a casca; com o emprego, porém, do oleo de resina, não se tem notado effeitos perniciosos. O unico inconveniente que se tem achado no seu emprego é que não se torna facil, sem um cuidadoso exame, verificar quaes as feridas que tem recebido curativo e as que o não tem.

Esta difficuldade foi porém removida misturando 1 parte de *coaltar* e 4 de oleo. Esta mistura, claro está, possui as vantagens anti-septicas do oleo e devido á presença do *coaltar* está sendo applicada, em geral, nas plantações de Grenada, em vez de *coaltar*, tendo sido tambem adoptado na Estação Botanica, Estação Experimental e nos talhões experimentaes. Na Grenada o oleo cocpra-se em caixas contendo 8/3 gallões a *lb.* 5.0 por caixa e diz-se que sendo devidamente applicado 1 gallão de oleo equivale a 2 gallões de *coaltar* de fórmula que o primeiro sahe por fim mais barato.

(Do *West Indian Agricultural New-Feverior* 20).

Providencias

Administração da justiça na Ilha do Principe

Recebeu este Centro um officio do Presidente da camara da Ilha do Principe, confirmando o seu telegramma, a que já nos referimos no *Boletim* de julho e repetindo as suas instancias para serem tomadas providencias relativamente ao procedimento das auctoridades judiciaes.

Este Centro deu conhecimento ao sr. Ministro da Marinha do referido officio e pediu a S. Ex.^a que, com a maior urgencia, tomasse as providencias que o caso reclama.

S. Ex.^a o Ministro prometeu tomar as providencias que fossem justas.

Serviçaes de Quelimane

Procedimento das auctoridades

Tendo chegado ao conhecimento do presidente d'este Centro ter sido recebido em Lisboa um telegramma de Quelimane em que se dizia ter sido imposto quarentena aos serviçaes repatriados de S. Thomé, levou este facto, na Camara dos srs. Deputados, ao conhecimento do sr. Ministro da Marinha.

Disse o sr. *Paulo Cancellá*, na sessão de 16 d'agosto, que lhes constara ter sido recebido, n'esse dia, em Lisboa, um telegramma de Quelimane dizendo que, por proposta do delegado de saude, com approvação do governador, se impuzera quarentena, por tempo indeterminado, aos pretos, que regressaram de S. Thomé.

Não havendo em S. Thomé epidemia alguma, nem a doença do somno e não tendo o paquete tocado em porto suspeito,

não ha motivo algum justo que determine tal resolução, que póde ser prejudicialissima para S. Thomé, porque pode difficultar a emigração para esta ilha.

Teem sido repatriados serviçaes de S. Thomé para Angola, para Cabo Verde e para o districto de Moçambique e nunca se lhes impôz quarentena. Não ha motivo para ser imposta em Quelimane.

A difficuldade na entrada obrigará os serviçaes a gastar o Quelimane, em vez de o levarem para as familias.

Este facto deve desgostal-os e, por isso, não emigrarão novamente, apesar de irem satisfeitos pela fórma como foram tratados em S. Thomé e dizerem até que voltariam para lá com as suas familias.

A quarentena pode difficultar a emigração, não pela sahida e pelo tratamento, mas, sim, pelos entraves na entrada.

Por parte das auctoridades de Quelimane tem sempre havido uma má vontade contra a emigração para S. Thomé, mas, elle, orador, não deixará o assumpto, que é de maxima, importancia para a provincia de S. Thomé e Principe.

O sr. **ministro da marinha** disse não ter conhecimento do facto indicado, mas que ia averiguar e providenciaria promptamente, pois reconhece a importancia que S. Thomé tem no assumpto.

No dia seguinte disse o sr. Ministro da Marinha ao sr. Paulo Cancellia que tinha recebido um telegramma do Governador Geral de Moçambique dizendo-lhe que em Quelimane não tinha sido imposta quarentena aos serviçaes repatriados de S. Thomé.

N'essa occasião já o sr. Paulo Cancellia tinha obtido o telegramma chegado de Quelimane e a que, na vespera, fizera referencia, e apresentou-o a S. Ex.^a o Ministro dizendo-lhe que não era bem uma quarentena que se tinha imposto, e que, por isso era justificada a resposta do governador geral, mas que as medidas adoptadas equivaliam a uma quarentena.

O telegramma é o seguinte:

«Queiroz propoz governo aqui approvou medidas
«rigorosas repatriados vigilancia administrativa medica
«obrigado indigena apresentação auctoridades prazo
«indeterminado. Medidas prejudiciaes emigração—Bo-
«lama chegaram repatriados».

O Sr. Ministro da Marinha, depois de ter tomado conhecimento do telegramma prometteu providencias.

No dia seguinte, sendo interrogado particularmente pelo sr. Paulo Cancellia acerca d'este assumpto, disse-lhe que recebera telegramma do governador geral dizendo que as me-

didadas adoptadas pelas auctoridades de Quelimane foram determinadas por causa da doença do somno.

A este telegramma respondeu o sr. Ministro da Marinha com outro disendo que na ilha de S. Thomé, donde os serviços vinham repatriados não ha a doença do somno e que por isso eram injustificadas as medidas ordenadas pelo governador de Quelimane,

Na dia 24 foi recebido novo telegramma de Quelimane dizendo que as medidas sanitarias impostas continuavam em vigor.

No dia 25 foi o presidente d'este Centro fallar com o sr. Ministro da Marinha e apresentar-lhe o telegramma recebido. S. Ex.^a ficou surprehendido com a noticia e, no dia 26, enviou um telegramma ao Governado Geral da pravinca de Moçambique ordenando a suspensão immediata dos taes medidas sanitarias injustificadamente propostas e impostas em Quelimane.

As ultimas noticias disem-nos terem sido suspensas as taes medidas sanitarias.

Informações

CAMBIOS

Em 31 de Agosto

Lisboa	5\$000
Franco	198
Marco	244
Peseta	182
Dollar	1\$020

Generos coloniaes

Mercado de Lisboa

Cacau existente nos armazens do porto de Lisboa.

Em 31 de julho	112.864	saccos
Entrados em agosto	22.089	»
	<u>134.947</u>	

Sahidos em agosto.

Para consumo do paiz	119	
Para o estrangeiro	<u>29.628</u>	29.747
Existencia em 31 de agosto		<u>105\$200</u>

Existencia em 31 de agosto de 1908.... 171.308

Média dos preços correntes dos generos coloniaes em agosto

Cacau

S. Thomé e Príncipe	{	Fino	3\$500-3\$600
		Paiol	3\$200-3\$300
		Escolha	2\$500-2\$600

Café

S. Thomé e Príncipe	{	Fino	4\$400-4\$600
		Paiol	2\$600-2\$800
		Escolha	1\$200-1\$500
Cabo Verde			3\$600-3\$800
Angola	{	Ambriz	2\$300
		Ancoge	2\$250
		Cazengo	2\$200
Timor			3\$900-4\$000

Artigos diversos*Cera*—459 grammas:

Benguella e Loanda	285
--------------------------	-----

Borracha—Kilo:

Benguella	1\$550-1\$600
Loanda	1\$550-1\$600
Ambriz—1. ^a	1\$800
» —2. ^a	1\$000
<i>Coconote</i> —15 kilos	1\$200
<i>Azeite de palma</i> —15 kilos	1\$550-1\$650
<i>Miolo de coco</i> —15 kilos	1\$300
<i>Gomma copal</i> —15 kilos:	
Amarella	5\$000-5\$500
Branca fina	3\$500-4\$000

Mistura	2\$000-2\$200
Meuda	1\$500-1\$700
Ordinaria	800-1\$000
Preta.....	800-1\$000

Assucar d'Africa Occidental—15 kilos:

1. ^a qualidade.....	1\$600
2. ^a »	1\$400-1\$500
3. ^a »	1\$100-1\$150

Algodão—kilo 270.300

Marfim—459 grammas:

Molle de lei	2\$000
» meão	1\$800
» escaravelho.....	1\$400

Couros—kilo:

Guiné	Bons.....	480
	Defeito	420
	Refugo.....	210
Cabo Verde.....	420-430	
Angola.....	440	
S. Thomé	Bons.....	400
	Defeito	360
	Refugo	180

Aguardente de canna:

Cabo Verde.....	7\$500-12\$000
Loanda (garraão de 16 litros)	10\$500

Agentes de emigração

Para que os nossos socios e assignantes estejam sempre ao facto de quem são os agentes de emigração, publicaremos de seis em seis mezes a relação d'elles.

Benguella:

Effectivos—D. José da Camara Leme e Ignacio da Fonseca e Costa.
Substituto —Francisco Xavier Ferreira de Sousa e Castro.

Bolama:

Effectivo—Antonio da Silva Gouveia.

Catumbella:

Effectivos—Barão d'Almofalla e Joaquim da Fonseca Costa.
Substituto—Antonio Costa.

Loanda:

Effectivos—Julio Verdades e Luiz da Silva e Cunha.
Substituto—Guilherme Lima.

Moçambique:

Effectivo—Mario Ferreira Pinto Basto.

Novo Redondo:

Effectivos—Joaquim Ferreira Marques e José Antonio Matta.
Substituto—Paulo Plantier Martins.

Praia:

Effectivos—José Antunes d'Oliveira e Raul Barbosa.
Substituto—Alfredo Beirão.

Quelimane:

Effectivos—Julio Botelho Moniz e Carlos Masseti.
Substituto—Celestino Fernandes Monteiro.

S. Vicente:

Effectivo—Aurelio A. Martins.

Mercados estrangeiros

Em Agosto

Notas geraes

Houve um certo retrahimento. O mercado inglez continuou fechado.

E', porém, de crêr que as ultimas medidas decretadas pelo nosso governo produzam beneficos effeitos, attendendo

mesmo a que são más as noticias das regiões productoras, onde se espera uma colheita inferior á do anno passado, e deva por isso precisar do nosso cacau.

Bahia

Em Julho

A entrada do cacau no mez de julho foi de 45.346 saccos.

Durante o mez foram despachados para exportação 27.556 saccos com 1.650.071 kilogrammas, no valor declarado de 940:745\$030 réis.

Foram cobrados 159:926\$637 réis, na sua totalidade.

O *stok* no fim do mez, ainda não contractado, era de 10.000 marcos, pouco mais ou menos.

Barcelona

Julho

Importação do cacau e café no mez de julho de 1909

Cacau

	Kilos
Importado do Panamá—Procedente do Equador....	13.085
» de Venezuela—Procedente de Venezuela.	5.860
» » Fernando Pó	13.825
» » Trindade.....	1.450

A principal importação, por saccos, foi:

	Saccos
De Colon.....	360
» P. Cabello	130
» La Guaira.....	93
» Fernando Pó.....	115
» Colombo	50

Da Hollanda foram importados 1.688 kilos de manteiga de cacau, sendo procedente de Hollanda 888 kilos, da Allemanha, 530, e das Indias holandezas, 170.

Café

	Kilos
Importado do Brazil	2.910
» da Belgica—Procedente de Salvador	10.060
» do Panamá—Procedente de Venezuela	20.096
» » — » Colombia	2.866
» » — » do Salvador	55.841
» » — » Panamá	4.822
» » — » de Colombia	9.123
» das Filipinas—Procedente das Filipinas	59
» da França—Procedente da Arabia	13.314
» » Italia—Procedente da Arabia	3.925
» do Mexico—Procedente do Mexico	1.179
» de Porto Rico	92.192
» » Venezuela	30.313
» » Fernando Pó	668

A principal importação, por saccos, foi:

	Saccos
De Marselha	155
» Genova	100
» Colon	784
» P. Colombia	160
» P. Cabello	48
» La Guaira	256
» Ponce	360
» San Juan	122
» Mayaquer	439
» Fernando Pó	11
» Anvers	155
» Havre	111

Preço no mez de julho, fixado pela junta sindical do collegio
dos reaes corretores do commercio

Cacau

	Pesetas por kilo	
Fernando Pó, superior	2.22	2.27
» » regular	2.11	2.16
» » bajo	2.11	2.05
S. Thomé s/c	2.11	2.05
Guayaquil arriba	3.05	3.11
» balao	3.05	3.05

Café

	Pesetas por kilo	
Santos, superior	2.76	2.88
» regular	2.64	2.70
Puerto Cabello s/c	»	»
Guatemala s/c	»	»
Caracas s/c	»	»
Colombia superior	3.06	3.18
» regular	3.18	3.24
Puerto Rico Yauco	3.06	3.12
» » Hacienda	3.48	3.54
Moka s/c	3.42	3.48
San Salvador s/c	3.72	3.84
Guayaquil s/c	3.06	3.18
Mejico s/c	»	»
Caracolillo Santos	2.94	3
» Puerto Rico	3.60	3.66

Ceylão

—
Junho
—

Cacau

Importado em maio nos ultimos seis mezes, incluindo junho

	Importado	Gasto no consumo interno	Valores
De Inglaterra	1.353 lb.	1.353 lb.	872 rupias
Das Ilhas Filippinas ...	2 »	2 »	1 rupia

Exportação em junho

	Produção e manufac- tura da colonia	Valor
Inglaterra—cwt	5.224	229.542 rupias
Nova Zelandia—cwt	218	9.579 »
Straits de Sttemnts—cwt	550	24.167 »
França	188	8.261 »
Allemanha	850	27.349 »
Ilhas Filippinas	525	23.068 »
Hespanha	417	1.802 »
E. U. da America	52	2.285 »
	7.648	336.033

Exportado nos ultimos seis mezes, incluindo junho

	Produção e manu- factura da colonia	Valor	
Inglaterra—cwt	29.771	1.308.137	rupias
India Ingleza—cwt	2	88	»
Canadá—cwt	603	26.496	»
Nova Zelandia—cwt	548	24.079	»
—cwt	750	32.955	»
Victoria—cwt	831	75.514	»
Austria—cwt	350	15.379	»
Belgica—cwt	50	2.197	»
China—cwt	225	9.887	»
Dinamarca—cwt	85	3.559	»
França—cwt	1:387	60.945	»
Allemanha—cwt	3.666	161.084	»
Hollanda—cwt	475	20.871	»
Ilhas Filipinas—cwt	1.220	53.607	»
Hespanha—cwt	360	16.082	»
E. U. America—cwt	737	32.384	»
	<u>41.062</u>	<u>1.804.264</u>	

Guayaquil (Equador)

—
Julho
—

Estatistica de cacau

Existencia em 30 de junho 2.185.271 lbs.

Recebido em julho

Arriba	2.529.940	lbs.
Balao	1.325.804	»
Machala	689.055	»
	<u>6.729.970</u>	»

Exportado em julho

s/s Equador	5.455	saccos
» Arica	4.700	»
» Seboxa	4.250	»
» Equador	3.990	»
<i>A transportar</i>	<u>18.395</u>	»

<i>Transporte</i>	18.395	saccos
Elm Branch.....	230	»
Equador.....	5.963	»
Limari.....	150	»
Aysen.....	50	»
	<u>24.788</u>	
Ou seja, approximadamente....	4.337.900	lbs.
Existencia em 31 de julho.....	<u>2.392.070</u>	»

Hamburgo

15 de julho a 14 d'agosto

Cacau

	Kilogr.	Saccos
Existencia em 15 de julho.....	1.757.360	— 2.026.580
Entrado de ¹⁵ 7 a ¹⁴ 8.....	4.137.840	— 4.764.160
	<u>5.895.200</u>	<u>6.790.740</u>
Sahido de ¹⁵ 7 a ¹⁴ 8.....	2.334.630	— 3.811.100
Existencia em 15 de agosto.....	<u>3.560.570</u>	<u>2.979.640</u>

Pará

Julho

Cacau

Stok em 30 de junho.....	175	tonns
Entrado em julho.....	921	»
	<u>1.096</u>	
<i>Exportado em julho</i>		
Para a America.....	89	»
Para a Europa.....	709	»
	<u>798</u>	
Stok em fim de julho.....	298	»

Noticias

Actas das sessões da direcção do Centro Colonial

Acta n.º 97

5 de agosto de 1909, pelas 2 horas da tarde

Presentes: Paulo Cancellia, Mendes da Silva, Mantero, Levy e Gouveia.

Foi lida a correspondencia e admittidos socios os srs. Januario José da Silva Junior e Bernardo Heitor Pereira Garcez, ambos residentes em S. Thomé.

O sr. Paulo Cancellia pediu que na inscripção de socios d'este Centro fosse substituida a Sociedade Monte-Forte por elle proprio em nome individual.

Foi attendido o pedido.

Não havendo mais de que tratar encerrou-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Acta n.º 98

1 de setembro de 1909, ás 2 horas da tarde

Presentes: Paulo Cancellia, Lima, Mendonça e Gouveia.

Foi lida uma carta do sr. Alfredo da Silva pedindo para ser riscado de socio d'este Centro.

Foi attendido.

Foi admittido socio o sr. Lopo de Sousa e Vasconcellos.

Não havendo nada mais a tratar encerrou-se a sessão ás 2 e meia horas da tarde.

A questão das roças de S. Thomé

Entrevista com o tenente-coronel Wyllie

De regresso de S. Thomé, aonde foi proceder a um inquerito sobre a vida nas roças d'aquella ilha, acha-se entre nós, no *Hotel Durand*, o tenente coronel do exercito britanico, Alfred Wyllie.

Procurado por um redactor do *Diario de Noticias*, aquelle official fez declarações interessantes, que não nos furtamos ao prazer de reproduzir :

«Primeiramente, — diz aquelle nosso collega, — o sr. Willie narra-nos como, encontrando-se em Marselha, com o proposito de se dirigir ao Brazil, a fim de assistir a uma exposição de borracha, recebeu uma carta do plantador portuguez, sr. Henrique Monteiro de Mendonça, communicando-lhe que recommençara, em Londres, a campanha contra os chocolateiros de S. Thomé. Ao mesmo tempo, o sr. Wyllie recebia a noticia de que a exposição brazileira de borracha fôra adiada, resolvendo-se, então, a ir apreciar, «de visu», a vida interna das roças portuguezas. Seguiu para Paris e d'ahi para o Havre, onde embarcou para Lisboa, seguindo d'esta capital, no dia 22 de junho, a bordo do *Malange*, para a Ilha de S. Thomé.

O sr. Wyllie falla-nos com saudade da fórma cortez com que foi recebido ali.

— Quem conhece a tradição da affabilidade dos portuguezes, diz-nos elle, não poderá pôr em duvida esta minha affirmacão. Além d'isso, tenho ouvido dizer a viajantes estrangeiros, que, para se saber o que é verdadeira hospitalidade, se deve visitar S. Thomé. Devo dizer, todavia, que a fórma cortez com que ali me receberam, em nada poderia impedir que eu fosse justo na minha apreciação e que procedesse, portanto, com a maior imparcialidade, ao meu inquerito. Um portuguez, com quem travei relações n'aquella ilha, affirmou-me que os seus compatriotas só desejavam que fôsse dita a verdade, quer favoravel, quer desfavoravel para elles.

Seguidamente, o nosso entrevistado narra a sua visita ás roças. Foram dez ou doze as que percorreu; e d'essa visita só colheu impressões, que devem lisonjear o amor-proprio dos portuguezes.

Achou, por exemplo, que os serviçaes de S. Thomé tinham melhores habitações e melhor alimentacão do que os coulis, nas plantações de borracha da Birmania, de Malaia e

de Ceylão. Notou ainda que os serviços hospitalares, na nossa colonia, eram de primeira ordem, considerando-os muito mais perfectos, que os das plantações da India Inglesa.

E demonstrou logo a sua asserção:

N'aquella grande colonia inglesa, os coulis teem salario fixo, mas, não recebem alimentação, nem vestuario, como succede em S. Thomé. Esse salario é superior ao que o serviço das roças portuguezas aufere, mas relativamente, este ultimo é incomparavelmente mais bem pago. Os coulis recebem o salario mensal de meia libra, tendo, porém, de se alimentarem e de se vestirem á sua custa. Os serviços de S. Thomé teem o salario minimo de 2\$500 réis mensaes, accrescido da alimentação e do vestuario, que são fornecidos pelos proprietarios das roças.

— Como se vê, continuou o sr. Wyllie, a situação do trabalhador de S. Thomé é muito melhor que a dos serviços da India. E devo accrescentar que, emquanto na vossa colonia ha serviços hospitalares em cada uma das roças, na India Inglesa, existe, apenas, um hospital para cada seis roças, de modo que um doente, sendo conduzido a esse hospital, tem de atravessar uma distancia sempre consideravel.

— Mas, então, como se explica que os jornaes londrinos façam assim, gratuitamente, uma campanha tão dura contra os chocolateiros de S. Thomé?

O sr. Wyllie inclina-se a crêr que essa campanha tem a mesma origem d'aquella que os revolucionarios hindú, na sua grande maioria anarchistas, movem na India Inglesa.

A um gesto de duvida, que nos escapou involuntariamente, o nosso interlocutor atalhou:

— E se eu lhe disser que quem levantou essa campanha no *Times* foi Nevinson, o anarchista — confesso, que espalhou as suas theorias nefastas na India Inglesa — que em 1905 visitou a Ilha de S. Thomé e que em 1906, no seu livro *A modern Slavery* («A escravatura moderna»), se referiu ás roças portuguezas tão desfavoravelmente?

E o sr. Wyllie passou a expôr como, mesmo em S. Thomé, teve conhecimento d'esse livro, em que Nevinson faz a propaganda das suas idéas, dizendo, em certo ponto, que «a revolta é sempre bella, visto que é a unica arma que podemos empregar contra os governos».

— Nevinson, diz o tenente-coronel Wyllie, conseguiu revolucionar a India Inglesa, onde principalmente em Calcutta, medicos, advogados, estudantes das Universidades, etc., abraçaram as suas doutrinas. E, com esse novo incremento, as seitas indús, especialmente a «Leditoniste», desenvolveram-se extraordinariamente. Foram ellas que prepararam, como se viu em todos os jornaes ingleses, o assassinio recente de sir Curzon Wyllie, meu primo, que era ajudante de campo do

secretario do Estado da India, e que aconselhava os indios a não entrarem em relações com os anarchistas. Na India, portanto, existe o odio ao branco, o que não se dá em S. Thomé.

E, n'este ponto, referiu-se a um facto que observou nas roças portuguezas d'aquella ilha. Quando algum branco, portuguez ou estrangeiro, visita uma plantação, logo á entrada se encontra cercado por uma multidão de pequeninos negros, os «macaquitos», como lhes chamam, que se prestam para o acompanhar a toda a parte, que lhe offerecem a mão para o conduzirem ás diversas dependencias da roça. E, para confronto; cita o facto de, na India Inglesa, as mulheres e os filhos dos brancos não poderem sahir sós a passeio, visto correrem o risco de serem maltratados, ou mesmo assassinados.

O tenente-coronel John Wyllie, que tão cortezmente nos recebeu, acabara a sua exposição, atravez da qual manifestara, tão vivamente, a grande sympathia que merecem os roceiros portuguezes de S. Thomé».

Actuaes socios do Centro Colonial

- 1 — Adriano Julio Coelho
- 2 — Alfredo Mendes da Silva
- 3 — Augusto d'Albuquerque
- 4 — Antonio Elyseu Lacerda de Macedo
- 5 — Antonio Montes de Champalimaud
- 6 — Antonio de Moraes
- 7 — Antonio Pedro d'Araujo
- 8 — Antonio Soares Franco
- 9 — Banco Nacional Ultramarino
- 10 — Bernardo Heitor Pereira Garcez
- 11 — Carlos Augusto Salles Ferreira
- 12 — Companhia Agricola da Praia Grande
- 13 — Companhia da Ilha do Principe
- 14 — Companhia Real dos Caminhos de Ferro Atravez d'Africa
- 15 — Companhia Roça Alliança
- 16 — Companhia Roça Coimbra
- 17 — Companhia Roça Ribeira Izé
- 18 — Conde d'Almeida Araujo
- 19 — Domingos Machado & Irmãos
- 20 — Elias Azancot
- 21 — Empresa Nacional de Navegação
- 22 — Francisco Mantero
- 23 — Francisco Mendes Lopes
- 24 — Henrique José Monteiro de Mendonça
- 25 — Januario José da Silva
- 26 — Januario José da Silva Junior

- 27 — João Baptista de Macedo
- 28 — José da Costa Santos
- 29 — José Ferreira do Amaral
- 30 — José Mendes Leite
- 31 — José Paulo Monteiro Cancellia
- 32 — Lima & Gama
- 33 — Lopo de Sousa e Vasconcellos
- 34 — Luiz Gonçalves Santiago
- 35 — Luiz Virgilio Teixeira
- 36 — Manoel José Coelho
- 37 — Marquez de Valle Flôr
- 38 — Polycarpo de Figueiredo Barros
- 39 — Pedro Coelho Serra & C.^a
- 40 — Salvador Levy
- 41 — Silva Gouveia
- 42 — Sociedade Ió — Grande
- 43 — Sociedade Montes Herminios
- 44 — Sociedade Rosema

São actualmente 44 os socios do Centro Colonial, recebendo-se por isso das suas mensalidades 110\$000 réis

Sendo a despesa mensal do Centro de réis 150\$000, aproximadamente, segue-se que temos um defficit de 40\$000 réis

Para o Centro ter vida desafogada e para poder satisfazer, alem das despesas ordinarias, a algumas extraordinarias, que, frequentes vezes é preciso fazer em beneficio commum, como ainda ha pouco succedeu, gastando mais de um conto de réis, é preciso que o numero de socios suba a *Setenta*.

Pedimos a todos os que se interessam por S. Thomé e principe que se inscrevam socios d'este centro, porque temos a consciencia de

que elle muitos serviços tem prestado e ha de continuar a prestar.

E' para lamentar que este Centro, que tanto tem trabalhado para o bem commum dos interessados em S. Thomé e Príncipe, não seja auxiliado por aquelles que teem recebido os seus beneficios.

E' verdade que se o Centro tiver que acabar por não poder satisfazer as suas despesas, não poderão queixar-se dos que, com a maior boa vontade, se tem prestado a trabalhar.

Emquanto houver dinheiro, o Centro irá vivendo: depois, cada um governe-se.

Temos dito muita vez e repetimos ainda —
A união faz a força.

Unamo-nos para beneficio commum.

Pedimos aos actuaes socios que convençam os que ainda o não são, a inscrever-se, porque isso é em interesse de todos.

